

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.  
 FORA D' AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.  
 BRAZIL, (moed: forte) e Africa oriental anno... 1\$500

**Publica-se aos Domingos**

*As assignaturas devem ser pagas adiantadas*

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.  
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.  
 Numero avulso 30 rs.  
 Redacção e administração — rua Direita.

**AVEIRO**

**SUBSCRIÇÃO**

Está aberta n'esta redacção a subscrição para a lapide que se ha-de collocar sobre a sepultura do operario e livre pensador Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado, enterrado civilmente, no dia 30 de setembro de 1883, na estrada que conduz ao recinto do cemiterio, e a quem as autoridades de Aveiro negaram sepultura d'entro do cemiterio publico.

|  |                |
|--|----------------|
| Transporte . . . . .                         | 29\$050        |
| Um livre pensador . . . . .                  | 500            |
| Anonymo . . . . .                            | 500            |
| Anonymo . . . . .                            | 500            |
| José Maria Durão . . . . .                   | 1\$000         |
| F. Borges . . . . .                          | 500            |
| A. Borges . . . . .                          | 500            |
| V. B. Mello . . . . .                        | 500            |
| M. . . . .                                   | 500            |
| Anonymo . . . . .                            | 200            |
| Francisco Cabral Guedes . . . . .            | 200            |
| J. F. O. J. . . . .                          | 200            |
| José Cardoso Ribeiro . . . . .               | 200            |
| Antonio José da Silva . . . . .              | 200            |
| Um inimigo dos sotainas . . . . .            | 200            |
| J. M. F. inimigo da reacção . . . . .        | 200            |
| C. F. (Valle Guimarães é esperto!) . . . . . | 200            |
| Carlos A. A. R. R. . . . .                   | 200            |
| Sousa Paula . . . . .                        | 200            |
| Francisco Rodrigues da Graça . . . . .       | 1\$000         |
| <b>Somma . . . . .</b>                       | <b>36\$550</b> |

(Continua)

**DECLARAÇÕES**

Escrevi no ultimo numero do *Povo de Aveiro*

«Ao X. com estrellinhas dirêmos, nós que não costumámos deshonrar a imprensa com quasiunculas indecentes, que é um salafriario, um biltre, um calumniador sem provas.

Se o X. for tão covarde, que não ouse pedir-nos a responsabilidade d'estas palavras com que lhe fustigámos a cara alvar, é o ultimo dos miseraveis, indigno do respeito e da consideração dos homens de bem.»

Eu, que conheço a honradez dos individuos que o canalha insultava, não pude conter a minha indignação de homem honrado, não pude encarar com indiferença a maneira vilíssima por que o indigno atacava os liberaes aveirenses para defender as covardes autoridades da terra, e provoquei-o com as linhas que se leem acima.

Eu, triste ingenuo que ainda não conheço, ao que vejo, a sociedade torpe em que vivo, suppunha não haver homem algum na imprensa, com a nobilissima profissão de jornalista, capaz d'engulir a sangue frio affrontas acerbas, mas justas.

Eu sempre esperei que alguém me pedisse uma satisfação de honra, porque desejava que esse alguém ficasse tido para o publico como um atribuladissimo imprudente, mas homem honrado.

Enganei-me. O articulista do *Districto* é simplesmente um biltre, um miseravel. Nem sequer dá aos outros o prazer de lhe cortarem as orelhas!

Que se fique em paz, na paz dos indignos. Nem mais uma palavra a seu respeito.

TOARJO F. H. C.

Contendo um artigo publicado no «*Districto de Aveiro*» allusões á redacção do «*Povo de Aveiro*», que me pareceram injuriosas para ella, procurei o director do referido jornal a fim de lhe exigir a responsabilidade do alludido artigo.

O sr. Antonio Augusto de Souza Maia declarou-me que não era elle o autor do artigo, que não tomava a responsabilidade d'elle, que era, portanto, um artigo alheio á redacção do «*Districto de Aveiro*».

Instei, então, com o sr. Souza Maia, na qualidade de director do «*Povo de Aveiro*», para que me dissesse quem era o articulista. O sr. Souza Maia respondeu-me que só nos tribunaes o faria, por o dito articulista assim o haver exigido.

Em vista de tal resposta entendi que estava cumprida a minha missão. Os redactores do «*Povo de Aveiro*», que eu represento, não costumam resolver as suas pendencias nos tribunaes judiciais. Resolvem-nas no tribunal da imprensa, ou no campo da honra.

N'este momento cumpre-me afirmar que o procedimento do insultador anonymo, que repelle a paternidade das suas injurias, que foge deante d'um *ajuste de contas*, é covarde vil e traiçoeiro.

Lamento ainda que o sr. Sousa Maia admitta nas columnas do seu jornal as pasquinadas d'um biltre. A imprensa digna não procede por essa forma.

Manuel H. de Carvalho e Christo.

Accusando-nos um articulista, defensor das autoridades de Aveiro no infame attentado contra a liberdade de consciencia commettido ha pouco n'esta cidade, de havermos *arrancado* a Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado a declaração d'aquelle individuo relativa ao seu enterramento civil, afirmámos que o articulista mente como um torpe, como um verdadeiro agente servil dos jesuitas.

Fernando Homem Christo.  
 Roque de Mattos.  
 Antonio Ponce Leão Barboza.

**Ridiculos e tolos**

Ha dias li por acaso no magnifico jornal francez «*Le Petit Parisien*», de 13 do corrente, o seguinte:

**INTOLERANCIA CLERICAL**

«A administração communal de Ninelles, pequena cidade clerical situada ás portas de Bruxellas, acaba de praticar um acto d'intolerancia digno dos tempos em que a Igreja commettia livremente as mais odiosas monstruosidades, e que prova de novo até á evidencia que os clericos se não detem perante nenhuma consideração, quando se trata de saciar o seu odio religioso.

Um habitante de Ninelles, mor-

to como livre pensador, foi enterrado, por ordem do maire, n'um terreno perdido no campo e que se chama o «*cemiterio dos cães*».

É ignobil, pois não é?

Foi preciso que o governadôr do Brahant mandasse a Ninelles um commissario especial para fazer exhumar o cadaver e mandalo enterrar no cemiterio commum.»

O sr. Valle Guimarães não sabe onde fica nem o que é Bruxellas, não é assim? Eu lh'o digo. Bruxellas é uma grande cidade, centro importante do commercio, da sciencia e da industria, capital d'um pequeno mas poderoso paiz chamado a Belgica, regido por instituições monarchicas e situado ao norte da França.

V. s.ª vê, pelo que fica dito, que lá para esses sitios houve um cretino da sua laia, (cretino quer dizer — mioleira estragada), que fez o mesmo que v. s.ª acaba de fazer em Aveiro, pequena cidade d'estes reinos de Portugal e Algarve. Mas v. s.ª vê tambem que houve um homem serio e digno, um governadôr civil, que fez exactamente o contrario do que fez o sr. Manuel José Mendes Leite, governadôr civil d'este districto, um eunucho gasto pelos prazeres, á altura sem duvida da gravidade das circumstancias monarchicas.

Na Belgica, n'um paiz sujeito á realesa mas cioso da sua dignidade, a autoridade superior repelliu o attentado misaravel da autoridade subalterna e deu satisfações á lei e á opinião publica ultrajada, mandando exhumar o cadaver d'um livre pensador, enterrado no «*cemiterio dos cães*», isto é, n'um local analogo ao da alameda da corredoura, para que fosse enterrado no cemiterio dos homens.

Em Portugal, v. s.ª dá quatro patadas na liberdade e o sr. Mendes Leite, o tal soldado da Serra do Pilar, dá-lhe oito.

Por isso mesmo o throno de Leopoldo II (sabe quem é? É o rei da Belgica.) corre menos perigo do que o throno de D. Luiz I.

Sobre a legalidade do procedimento das autoridades aveirenses, depois do artigo brilhante de Alexandre da Conceição e do que escreveram no «*Seculo*» Magalhães Lima e Antonio de Castro, não tenho nada a dizer. Illegalissimo foi, está provado sufficientemente.

É verdade que certo doutor, o qual come muita brôa e que se não é cretino é com certesa ignorante e velhaco, até já sustentou a these famosa de que sômos «*subditos*» da Igreja e de que ella, qual outro soberano mediavel, se

lhe não curvamos com docilidade a cabeça e não acreditarmos nas verdades que nos ensina (sic), — tem o direito e mesmo o dever de nos pôr os cadaveres fora dos «*reverendissimos cemiterios*».

Ora saiba o doutor que para ella, a supradita Igreja, poder fazer isso era necessario que os cemiterios fossem seus. Mas Alexandre da Conceição disse-lhe muito bem o que igualmente lhe dirá quem vir quatro palmos adiante do nariz, que os cemiterios são «*simples estabelecimentos municipaes de caracter exclusivamente profano*», onde se enterram portanto todos os municipes indistintamente.

Tanto assim, (o doutor que vá ouvindo para aprender) que na Italia e França existe a secularisação dos cemiterios, e na Hespanha todos os partidos monarchicos liberaes a tem como um dos artigos mais importantes dos seus programmas, artigo que não tardará a sêr posto em pratica.

Tanto assim, que lá fora, como verá na noticia do «*Petit Parisien*» para não ir mais longe, são as autoridades populares, os «*maires*», (presidentes dos municipios), os encarregados dos enterramentos dos cadaveres e não por forma alguma as autoridades religiosas.

O sabio, e o mundo está perdido desde que se encheu de sabios, é capaz de berrar que de nada vale a nossa opinião, como disse da opinião de Couto Monteiro.

E que vos parece o atrevido? De nada valle a opinião de Couto Monteiro, ajudante do procuradôr da corôa e fazenda o arbitro supremo em questões obscuras, de Couto Monteiro, ex-ministro da justiça e legisladôr de talento!...

O que vale então? E' a opinião d'elle, do «*petit maitre*»? Ora va... passear.

Quem diz isso, ainda que chegue a dar conees na lua não dispenda a attenção dos viandantes.

Só me resta, para terminar, pedir caridade para o administradôr do concelho e governadôr civil. Sim, porque se estudarmos o caso no fundo veremos que o ministro do reino é que deve sêr o alvo exclusivo dos ataques liberaes, por ter entregado a administração d'Aveiro áquelles dois imbecis.

Os senhores jornalistas, que se tem occupado da questão, não conhecem por certo o Valle Guimarães. Coitado, se o conhecessem!... Só a cara d'elle pede piedade. Nem alto nem baixo, olhar parado, lenço vermelho em punho, ventas cheias de rapé, arrasta-se mal e falla com custo. O

homem sabe d'azeites e generos de mercearia, mas olhem que não pesca nada d'isto d'enterros civis, nem de reformas liberaes. Já ouviu fallar em liberdade, mas é cousa que nunca lhe entrou no bestunto.

Elle, o pobre, julgou que tinha feito bem. Disseram-lhe «que para alli é que era o caminho» e elle foi por alli como iria para uma nora se lhe dissessem «que para lá é que era o caminho».

Em fim nunca roubou nem deu nada a ninguem.

Quanto ao Mendes Leite, esse foi «*macaco*», mas hoje está senil. Enquanto pode arrastar bem as pernas e levantar a cabeça foi um heroe. Ai, que n'es-se tempo era elle invejado!...

Hoje que as pernas lhe ficam atraz, que a cabeça se lhe inclina para terra, causa dô.

E' o joguete de todos. Os cor-religionarios insultam-no e chamam-lhe o calombo; os adversarios atacam-no com violencia, porque elle é realmente um calombo que nos irrita com tantas «*calombices*».

Ide para casa, homens do Senhor, que não sois aptos para a vida publica.

E entretanto, senhores, compadecei-vos pelo amor de Deus do Valle Guimarães e do Mendes Leite.

Requiat in pauci.

Ignotus.

A' amabilidade do director da «*Verdade*», excellente jornal que se publica em Thomar, devemos a copia do artigo que se segue, escripto pelo nosso querido amigo Ernesto Loureiro, que nos auctorisa a publical-o no mesmo dia em que sai na «*Verdade*». E assim se associa este magnifico jornal, ao protesto lavrado contra a infamia monarchica de Aveiro.

**Aos nossos correligionarios de Aveiro**

A monarchia sente estremecer o solo em que assenta o seu apodrecido throno, e acerca-se de todos os elementos do passado, com a sofreguidão de quem está prestes a submergir-se.

Houve um tempo em que os povos, sinceramente acreditaram no liberalismo dos reis. E alguns houve, que juntamente com o seu caracter auctoritario e indomito albergaram sentimentos de revolta contra o obscurantismo idiota do fanatismo religioso, que marcára uma grande nodoa negra na historia da nossa desgraçada patria.

Junto aos defeitos e, mesmo, aos crimes, de D. Pedro IV, o historiador imparcial nunca poderá esquecer que aquelle monarcha assignou resolutamente o decreto que extinguiu as ordens religiosas e o consequente communismo monastico.

Pareceria natural esperar que o sentimento religioso das classes dominantes fosse lentamente acompanhando a evolução constante das idéas derivadas dos progressos da sciencia, da secularização do ensino e da emancipação das consciencias.

Quando, por ventura, essa evolução fosse muito lenta e insensível, como em geral são todas as evoluções sentimentalistas, o que, de certo, poucos poderiam esperar, seria que passado meio século, em vez d'essa gradual transformação dos espiritos, nos achassemos a braços com a mais desenfreada reacção religiosa. Mas assim é. As transformações sociais são como o movimento das ondas: vão e voltam.

N'este momento a grande rescaca do mysticismo intolerante ameaça arrastar todas as conquistas da civilização moderna na libertação do pensamento.

Foi, primeiro, D. Pedro V com o chefe dos historicos (!) o duque de Loulé, que extendeu o seu regio manto sobre as filhas de S. Lazaro.

Depois, foi o sr. D. Luiz I, que não demittiu os ministros progressistas (!) quando protegeram os jesuitas de Lourical do Campo, e que se prestou a representar juntamente com os regeneradores a hilarante comedia do cirio de Carnaxide.

Foi, tambem, no reinado do sr. D. Luiz I que um ministro prohibiu as conferencias philosophicas do Casino, e decretou arbitrariamente a construcção igno-

miniosa dos muros dentro dos cemiterios para extremar os restos dos cidadãos não catholicos, das bentas cinzas d'aquelles que se finam com todos os sacramentos, e medos correlativos, e concomitantes da religião e da liturgia officiaes. Estas santas intolerancias de um ministro idiota excluem do campo honrado e destinado para as sepulturas dos fieis, os proprios christãos dissidentes; basta não commungar nas mais insignificantes particularidades da seita para que os ultimos despojos de um cidadão honrado sejam sepultados com desprezo, como quem enterra um irracional. E' que a paz eterna dos fieis não ficaria garantida sem a sombra do muro impenetável do sr. Marquez de Avila e de Bolama, muro confirmado pelo sr. Antonio Rodrigues Sampaio!... As podridões e os vermes que corroem as ossadas dos catholicos romanos podiam ser incommodados nas suas destruições subterraneas, se não houvesse o muro a sair do chão como um protesto alvar...

Algumas camaras municipaes resistiram nobremente á imposição dos ministros reaccionarios: a de Lisboa foi uma das que soube cumprir o seu dever.

Fica profanado o campo? e para que serve o latim e a agua-benta dos mensageiros do senhor? Cada fiel que se enterra no alto de S. João ou nos Prazeres é precedido na sua ultima morada por umas certas rezas que tiram o enguiço á cova, e depois, não consta que, até ao dia de hoje, as almas penadas dos catholicos sepultados em Lisboa hajam volvido á vida pedindo muro para seu descanso eterno. A benzedura da cova deu um excellente resultado em Lisboa.

Dar-se-ha o caso de que as

almas dos mortos das provincias sejam mais impertinentes? ou que as ladainhas rezadas na capital percam o seu effeito exorcistico quando psalmeadas em cemiteiros suburbanos?

Parece que sim; mas ha mais e melhor; ha carolas mais catholicas do que o patriarcha de Lisboa que deu a ordem aos seus levitas para esconjurar o quebranto dos covaes por meio de apropriadas cantilenas; ha auctoridades que nem mandaram construir muro, nem se contentam com as rezas prescriptas nos rituaes de Lisboa. Lavra o scisma na egreja lusitana.

Os «não conformistas» de Aveiro, só ficam satisfeitos, nos escrúpulos do seu meticuloso catholicismo, cuspidos e alçando a perna sobre a sepultura de um honesto filho do povo, que soubera emancipar-se dos terrores de alem do tumulo. Foi enterrado furtivamente u'm caminho publico, com a irreverencia com se enterra um cão: cobriram-lhe a sepultura com um montão de pedras...

Isto passou-se ha dias, sob o reinado do sr. D. Luiz I, no consulado de Mendes Leite, e bailiado de Valle Guimarães, o masmarro, vice administrador do concelho de Aveiro.

Agora synthetisemos. Reacção religiosa; Lei eleitoral com minorias pautadas pelo governo, largas circumscripções; restricção do suffragio, restricção do direito de reunião;

Mordação na imprensa. Tudo isto reunido constitue um habil plano para fazer recuar a sociedade portugueza aos bellos tempos da intolerancia politica e da intolerancia philosophica. Isto é que faz as revoluções. O pensamento a caminhar,

sempre a caminhar; e as classes dirigentes em vez de guiarem a marcha do povo, no sentido evolutivo, sopeam as redeas do governo, fincam-lhe os acicates nos illiaes e fazem-no choutear na estrada do retrocesso.

Continuem, porque não ha redeas que não estoirem com o uso, e porque aquillo que alguns seculos de feroz intolerancia não ponderam conseguir, muito menos poderá ser levado a cabo pelos cretinos escapados, por um acaso tolo, á depuração da selecção natural, que extingue os menos aptos.

Ernesto Loureiro.

PROTESTOS

Continuamos a receber innumeros protestos, contra o indigno attentado praticado pelo administrador substituto do concelho d'Aveiro.

Veja sr. Valle Guimarães, como o seu asnetico procedimento é verberado por todo paiz!

Amigo redactor

Sei bem que, perante um governo devasso e reaccionario, como o nosso, é inutil protestar; mas o attentado praticado em Aveiro por um cretino cacique é tão revoltante e monstruoso, demonstra tão cabalmente a aliança da monarchia com o jesuitismo, que não podemos soffrer a affronta feita aos verdadeiros liberaes.

Cruzad os braços deante dos manejos torpes da reacção é um crime; desaggravar as cinzas de Jeronymo Salgado, castigando a insolente auctoridade administrativa, é uma necessidade.

Por agora limitamos-nos a protestar; mais tarde tornaremos effectivas as responsabilidades.

Guerra ao jesuitismo!  
Viva a liberdade de consciencia!

Anselmo Xavier.

\* \* \*

HISTORIA E PROTESTO

Meus amigos

Em 1874 os padres de Coimbra negaram sepultura em sagrado a um honrado cidadão francez, Arsène Hayes, que exercia a profissão de photographo e era conhecido em toda a cidade pelas suas idéas republicanas e de livre pensador. As autoridades administrativas, de mãos dadas com os sotaes de Coimbra, mandaram arremessar o cadaver do infeliz para um monturo, fora do recinto do cemiterio municipal. Este facto produziu uma dolorosa impressão entre os homens que prestam culto á liberdade de consciencia, e em Lisboa organisou-se logo uma comissão para lavrar um protesto contra o procedimento das auctoridades de Coimbra, abrindo-se ao mesmo tempo uma subscrição para collocar sobre a sepultura de Arsène Hayes uma lapide em homenagem aos princípios sustentados em vida por aquelle honrado cidadão, que emigrára para Portugal após o golpe d'estado de 2 de dezembro.

D'essa comissão faziam parte: Luciano Cordeiro, um transfuga republicano, convertido em deputado monarchico e em jornalista ultra conservador; Rodrigo Affonso Pequito, um appendice do primeiro, tambem republicano de hontem, atrelado hoje á maioria de S. Bento para verbo de encher; Alfredo de Mello, um excelente rapaz, professor do conservatorio de Lisboa e escriptor dramatico, que morreu republicano e pobre, como vivêra sempre; Luiz d'Andrade, um mogoz brasileiro, estudioso, que collaborava nesse tempo no Diario da Tarde, do Porto, um jornal onde a padralhada apanhava sovas de rachar e onde a penna de Urbano Loureiro mostrava toda a pujança do seu espirito, e finalmente o auctor d'estas linhas, que tinha então a correspondencia de Lisboa para o Diario da Tarde, onde fazia a propagação que ainda hoje sustenta, que tem sustentado sempre na imprensa a favor da liberdade religiosa e em prol dos princípios republicanos, que cada vez sente mais arreigadas em si.

O pensamento da comissão teve a fortuna de achar êcco em todo o paiz, e em 1875 fui eu encarregado pelos meus collegas de ir a Coimbra entregar á filha do infeliz Arsène Hayes, tutelada do antigo escrivão da administração, Freitas Barros, o producto da subscrição, que subio a cerca de

Compreendeu que o tinham reconhecido e deixou-me em paz.

Tedavia esperava encontra-lo á noite, ou a algum dos seus collegas, na diligencia. Assim foi. O coupé estava cheio com este seu creado, um burguez insignificante, e um typico cara de burro que sem duvida era agente de policia. Rovigo devia, na verdade, escolher melhor a sua gente, que não honra a administração de sua magestade o imperador e rei.

Não tenho o prazer de conhecer o chefe da policia particular de Rovigo, mas pelo retrato que d'elle me fizeram é bem natural que o meu companheiro de viagem seja o proprio Degrange. Verei isso. Imagina que esta cara ridicula perde tempo a tirar «nabos do puçarro» ao pobre do negociante que viajava comnosco, e que commercia em pelles de ganso.

Parece que no Poitou ha uma bellissima raça d'estas aves interessantes. Todos os machos são completamente brancos e imitam perfeitamente o cygne. O negociante é que nos explicou isso, falando ao mesmo tempo de politica e dando a sua opinião sobre o governo imperial. Não pensa mal de tudo e se o governo se occupasse mais do seu negocio, se o não obrigasse sobretudo a pagar direitos d'entrada ao seu commercio em Paris, tudo iria bem. Aconselhei-o a que dirigisse uma petição ao imperador, que conhece todas as particularidades, e que nunca despreza a fidelidade dos seus vassallos.

Respondeu que a minha edêa era excellente e que pensaria n'ella.

Enquanto fallava assim e dizia insignificancias, o inspector de Rovigo ouvia-o religiosamente. Aposto em com'ça lhe dirigiu um relatório a tal respeito. E é com relatórios d'estes que o governo julga conhecer o estado da opinião publica. Emfim, nada tenho com isso e voltamos ao assumpto.

De noite, este bom inspector fingia que dormia, mas eu, mesmo na obscuridade, via-lhe os pequeninos olhos descerrados. Deixei-o espertar á vontade e dormi um sono de justos. Só despertei em Poitiers, ao barulho do chicote do cocheiro. Como não conhecia hotel algum, segui o mercador de pelles e alojei-me com elle no Trois-Piliers. Degrange (permitta-me que lhe dê este nome ainda que não tenha a certeza de ser elle) foi comnosco. Começou a manhã a estudar o terreno, guiado pelas indicações do sr. duque de Feltre, e logo que souber alguma cousa de novo, escrever-vos-hei.

Sou vosso humilde creado

Méhu de la Guiche.

(Continua)

5) Gallétim. A. RANC HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO I MINISTERIO DA POLICIA GERAL DO IMPERIO Gabinete do ministro Relatório n.º 2781 A Sua Excellencia o sr. duque de Rovigo. (Confidencial) Poitiers, agosto de 1813. Senhor ministro: Vossa Excellencia perdoar-me ha o enter sahido de Paris sem lhe pedir as suas instrucções e receber as suas ordens; mas as circumstancias eram graves e mostrar-me-hia indigno da confiança com que Vossa Excellencia me honra, se procedesse d'outro modo. Vossa Excellencia v'oe julgar. Recebi, ha quatro dias, do agente n.º 7 da 2.ª brigada, a nota seguinte: «Senhor Degrange Encontrei-me hontem á noite de cara, no Palais-Royal, com o homem das grandes pocheas. Que fortuna! Havia um mez que o tinhamos perdido de vista. Não pôde deixar de vir ao Palais-Royal Jogava e ganhava. Mas, enquanto jogava, olhava para todos os lados, e de tempos a tempos, voltava-se para a direita e esquerda, parecendo desconfiado do que se passava. Jogou até ás onze horas, depois foi se embora. Segui-o para saber onde morava. Mas o tratante dirigiu-se a casa das messalinas e logo me acompanhei-o até á porta da casa e abí me conservei em pé por duas horas. Quando tive a certeza de que dormia já e de que não sahira senão de manhã, corri a minha casa comer alguma cousa, dormir um

pouco e disfarçar-me. Ao romper do dia principiei a vigilância; o homem das grandes pocheas, porem, só sahio ao meio dia. Um bom brejeiro! Da meia noite até ao meio dia só tratou do viciol. Tomou a direcção do Palais-Royal. Certo d'ahi o encontrar, subi a correr a casa da prostituta. E' uma ave alanciana, que não se importaria de o tornar a encontrar. Todavia não o conhece; viu-o pela primeira vez. Disse-lhe que voltaria, mas elle não é tão tolo que o faça. Como nada mais tinha a fazer corri ao Palais-Royal onde o encontrei no jardim. Conversava com outro que tinha cara, como elle, de militar á paisana. Approximei-me d'elles como quem anda a passear, mas elles separaram-se immediatamente, prova de que andam desconfiados. Entretanto ouvi o homem das grandes pocheas pronunciar a palavra—Poitiers. Não se podia seguir a ambos e por isso continuei a seguir o homem das grandes pocheas. Voltou ao jogo e perdeu. Sahiu então do Palais-Royal pelo Perron, tomou á direita pela rua dos Petits-Champs, dirigiu-se pelo lado da rua Coquillière, enfiou pela Rua Jean-Jacques-Rousseau e parou na Posta. Olhou em roda de si e como eu visse que se dirigia ao escriptorio da mala de Bordeaux, entrei lá primeiro do que elle. Fiz que pedía informações e ouvi-o tomar um logar no carro coupé de Poitiers. Deram-lhe o logar n.º 1, seriam seis horas da tarde. Assim que sahii, tomei o logar n.º 2 e dei 20 francos de signal, que marquei no meu caderno de despezas. Penso que não fiz mal, no caso do sr. Degrange querer continuar a vigilancia. Tinha-me portado com cuidado e julgava portanto que o homem das grandes pocheas não tinha reparado em mim. Mas o tratante esperava-me á porta. Passei por deante d'elle como se nada fosse commigo; não me disse palavra, mas principiou a seguir-me. Quando vi que em lugar de o fiar a elle era elle que me filava a mim entrei em casa. Eis, sr. duque, o relatório que recebi d'un dos meus melhores agentes. Vossa Excellencia achará nos autos n.º 108, cartão 22 da 6.ª serie uma nota detalhada sobre esse homem das grandes bolsoas que os meus homens designam assim por causa d'uma especie de balina que traz sempre e que tem de facto nas bolsoas immensas. Esse individuo tem usado successivamente desde que o mandei vigiar, dos nomes de Pavia, de Guilhermy e de Danican. Todavia, nenhum d'esses nomes é o seu. E' muito habil e muito desconfiado. Ainda que muito vicioso, não diz nada ás mulheres, e não tomou perdido estabelecer até hoje a sua identidade. Para isso seria preciso prendê-lo, mas Vossa

Excellencia comprehende que é prejudicial um golpe de mão, enquanto o jogo estiver encoberto. Seja como fór é certo que Pavia, Guilhermy ou Danican entretive relações com o general Laborie. E' provavel que no negocio Malet servisse d'intermediario entre os realistas e os jacobinos. Na contra policia realista do sr. Hyde de Neuville houve um Danican. Seria o mesmo? Um relatório muito preciso indica o homem «dos grandes bolsoas» (Vossa Excellencia permittir-me-ha que o trate assim por enquanto) como o auxiliar do abbade Lafont na sua fuga, no proprio dia da tentativa insensata de Malet. Foi elle que o escondou durante quatro dias e arranjou o disfarce militar com que o principal cumplice de Malet conseguiu sair de Paris. Trabalhava só em interesse do abbade Lafont e da conspiração, ou por conta dos realistas? Cumpria as instrucções do sr. Fouché, ou as dos individuos que tão injustamente vos atacavam, sr. ministro, e a vossa administração? Eis o que me é impossivel averiguar actualmente. Basta-me poder afirmar a Vossa Excellencia que o homem dos grandes bolsoas andava e anda completamente mettido no negocio. A sua partida para Poitiers prova até á evidencia que lhe vamos na pista. Vossa Excellencia comprehenderá que eu não tinha um minuto a perder; por isso arranjei a mala a correr e parti para a Posta. Saltei para o coupé que sahia para Bordeaux, onde o numero 7 me tinha guardado um logar. Assentei-me d'um lado e immediatamente vi do outro o homem dos grandes bolsoas. Somos tres no coupé; o lugar do meio occupava-o um honrado negociante de pelles. Tentei fazer fallar o homem dos grandes bolsoas, que é muito fino e cauteloso. Depois, como é bom trabalhar, mesmo em viagem, conversei com o negociante de pelles. Este imbecil não está contente com o governo, que deveria, segundo elle, favorecer o seu commercio, atentas as difficuldades que ha por causa da guerra de procurar pelles no estrangeiro. Consegui arrancar-lhe algumas informações sobre o espirito publico e o que dizem e pensam os commerciantes, tanto no seu bairro de Paris como em Poitiers. Essas informações serão objecto d'un relatório especial que terei a honra de enviar a Vossa Excellencia. Durante a viagem não se passou nada de notavel com o homem das grandes bolsoas. Tenho a certeza de que não fallou com ninguem, nem nas paragens nem nos hotéis onde comemos. Chegamos esta noite a Poitiers. O meu homem apeou-se no hotel dos Trois-Pi-

liers, onde se inscreveu com o seu antigo nome de Pavia. Declarou-se empregado nos fornecimentos do exercito e encarregado de tratar d'un corte de madeiras para engenharia. Fiquei no mesmo hotel, como era natural, e é d'ahi que escrevo a Vossa Excellencia. Antes de sair do ministerio puz o meu immediato ao corrente dos negocios, que elle conhecia em grande parte. Penso, pois, que o serviço nada soffrerá. Presentemente não tenho aqui ninguem. N'estas pequenas cidades onde todo o mundo se conhece, muitos agentes são mais prejudiciaes do que uteis. Se, entretanto, fossem necessários, o meu immediato sabe os homens que me havia de mandar. Dignei-vos, senhor ministro, aceitar os protestos da minha inteira dedicacão e do profundo respeito que lhe dedica o mais humilde e obediente creado de Vossa Excellencia. Degrange. MINISTERIO DA GUERRA Gabinete do ministro Relatório n.º 2005 Ao senhor X... secretario particular de S. Ex.ª o duque de Feltre, ministro da guerra. Meu caro senhor. Em execução das ordens que me transmitiste da parte de Sua Excellencia o duque de Feltre, parti para Poitiers d'onde vos dirigi esta primeira carta. Antes de tudo, devo prevenir-vos de que tenho sempre no encargo os agentes de Rovigo. Isto não me incommoda; podem vigiar-me a vontade e contanto que não descubram que eu os vigio tambem, irá tudo ás nil maravilhas. Ora elles não desconfiam de nada, nem de nada podem duvidar. No dia mesmo da minha partida fui seguido até ao Palais-Royal, onde tinha ido ariscar algum dinheiro, por um agente de brigada de Degrange e d'ali até á Posta; mas tão inhabilitado que o percebebi logo. Esse estúpido agente entrou na Posta no momento em que eu comprava o bilhete. Esperei-o á sahida, e como precisava de me desembaraçar d'elle, porque tinha d'ir aonde sabeis, principiei a segui-lo com persistencia.

400\$000 reis, e assistir á collocação da lapide sobre a sepultura do emigrado francez consignando-se na escriptura de entrega, que a commissão tivera em vista lavar um protesto contra o procedimento das auctoridades de Coimbra, lançando ao monturo o cadaver d'um livre pensador e erguer uma solemne homenagem ao principio da liberdade de consciencia. Tudo isto corre impresso e de tudo isto deu conta a commissão.

Em 1876 fazia-se o primeiro enterro civil em Portugal.

Não o permitiam ainda as leis, mas os padres então não tiveram força para oppôr-se ás determinações d'uma ultima vontade. Esse enterro civil, feito com toda a gravidade em Mogofores, foi o de meu pae.

Com estes precedentes, creio que me deve ter indignado tanto como aos meus amigos o infame procedimento das auctoridades d'Aveiro, arremessando para o monturo o cadaver do infeliz operario, Jeronymo Salgado, que determinára ser enterrado civilmente, e para quem se fecharam as portas do cemiterio municipal, envolvendo-nos aos tempos da mais brutal intolerancia e do mais atroz despotismo.

E' mister verberar por todos os modos este inaudito attentado. Que a auctoridade se convença de que ha alguma cousa acima da sua intolerancia e do seu odio aos que não transigem com as imposições catholicas.

Ha o protesto dos homens que sabem sacrificar-se pelo triumpho das suas ideias, ha a propaganda dos que vivem pela liberdade e sabem sustentar uma guerra sem treguas aos inimigos d'ella.

Se hoje se chamam os vencidos, amanhã seráo os vencedores. A luta attrahe-os. A intolerancia e o despotismo augmenta-lhes a febre da contenda.

Arremessem a pedra, senhores tyrannetes de mãos dadas com os soldados da epoca, mas tomem cuidado que ella não os vá esmagar...

Associando-me ao protesto do Povo de Aveiro em nome da liberdade de consciencia ultrajada na pessoa do honrado operario aveirense, contae, meus amigos, com a occupação do meu posto de honra, pugnando sempre pelo livre exercicio de todos os direitos individuaes e pela guerra a todos os inimigos da liberdade e da democracia.

Albano Coutinho.

\* \*

Amigos e Correligionarios

Só hontem tive conhecimento do acto torpe e infame praticado pelas auctoridades superiores d'Aveiro com o enterramento do cadaver do infeliz operario Jeronymo Salgado.

Protesto, em nome da consciencia, do direito, da justiça e da liberdade, contra um tão affrontoso procedimento, mais proprio de gente selvagem, do que de um povo livre, como se diz o povo portuguez!

Parece impossivel, que o governador civil e administrador d'Aveiro descessem tão baixo, já como autoridades, já como homens. São todos umas alminhas estes jesuitas; e chamo-lhe jesuitas, porque o sr. Mendes Leite mais que uma vez tem provado que o é. Por isso, quasi que tenho a certeza de que não se zangará muito commigo; e, mesmo que se zangue, eu, para lhe provar o que avanco, basta citar o facto da menina de dez annos, da rua do Principe, d'esta cidade de Lisboa, que deu entrada no coito d'Ilhavo. E este procedimento vergonhoso e immoralissimo do sr. governador civil para com o cadaver do desventurado Jeronymo Salgado, provou até á evidencia que aqui andeu trama de jesuita. Portanto, o sr. Mendes Leite se não é CHEFE DOS JESUITAS, no districto d'Aveiro, pelo menos é um dos seus membros mais arregaçados.

O acto despotico das autoridades de Aveiro, praticado para com o cadaver do infeliz Jeronymo Salgado, foi uma afronta covardê e villã, feita não só ao partido liberal democratico de Aveiro, como ao de todo o paiz.

Por isso cumpre a elle todo protestar, mas com especialidade ao de Aveiro cumpre não só protestar, mas até fazer saber aos srs. Mendes Leite e Valle Guimarães, que a cidade que

viu nascer o grande tribuno José Estevão, ainda conserva as mesmas tradições e sabe respeitar as cinzas venerandas de tão imminente vulto.

Viva o Partido Liberal Democratico d'Aveiro!

Fôra o governador civil e administrador de Aveiro, porque são JESUITAS!

Lisboa 8 de outubro de 1883.

Manuel Duarte de Figueiredo.

\* \*

Publicamos em seguida a magnifica carta de protesto, que nos envia o nosso querido amigo Jacintho Nunes contra o infamissimo attentado de Aveiro.

E a proposito diremos que o sr. ministro do reino nem mandou ainda castigar o imbecil administrador do concelho d'Aveiro, nem tenciona fazê-lo.

Os srs. governador civil e administrador do concelho andam-se a rir do caso por Aveiro, dizendo alto e bom som com ares de galhofa: que para ali é que é o caminho e que se todos fizessem assim haviam de acabar os taes enterros civis.

São dignos, incontestavelmente, do festeiro da senhora da Rocha.

Segue a carta:

Meu caro Magalhães Lima

Não protestei em principio contra o attentado committido em Aveiro, porque cheguei a imaginar que o ministro do reino puniria promptamente o criminoso, e daria assim uma satisfação á moral publica, tão odiosamente ultrajada por um delegado do poder.

Como vejo porem agora que o ministro, longe de castigar o criminoso, o cobre com a sua responsabilidade, julgo do meu dever lavar tambem o meu protesto contra semelhante infamia. Dê-lhe pois publicidade sem demora alguma.

Um apeto de mão.

Sines, 11 — 10 — 83,

J. Jacintho Nunes.

(Do Seculo.)

## As auctoridades de Aveiro e a imprensa.

Protestamos contra o indigno attentado que a ha pouco acaba de se dar em Aveiro, no enterramento do cadaver de Jeronymo Salgado, que por declaração expressa do finado havia de ser sepultado civilmente.

O administrador do concelho de Aveiro, não só procedeu jesuiticamente como cobardemente.

Desprezando todo o respeito devido aos mortos e desprezando ao mesmo tempo as leis e a liberdade, mandou que o cadaver fosse enterrado, ás occultas, atraz da porta do cemiterio, na presença de quatro cabos de policia, como se fosse algum irracional!

O povo de Aveiro foi assim ultrajado pelo nefando e miseravel procedimento da auctoridade administrativa!

Quando acabarão os povos com tantos vexames? Gostam? continuem!

(Do Defensor do Povo.)

\* \*

**MANIFESTAÇÃO DIGNA**—A indignação provocada em Aveiro pelas auctoridades, promovendo que o cadaver do operario livre pensador Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado fosse enterrado fóra do cemiterio publico, disciplinou-se em uma manifestação digna de applauso. Resolveu-se abrir uma subscrição publica para erguer sobre a sepultura do operario uma lapida apropriada. O periodico «Povo de Aveiro» tem sido o promotor d'essa subscrição.

(Do Diario Nacional.)

\* \*

O sr. administrador do concelho de Aveiro está mesmo á altura da gravidade das circumstancias; comprehende as leis perfeitamente e cumpre-as á letra.

Um operario alli fallecido deixou

expressamente recommendado que queria ser enterrado civilmente.

Que pensam os leitores que fez o sr. administrador para que se desse cumprimento á vontade do finado?

Uma coisa ratora e simples, mas muito civil:—ordenou que o corpo fosse conduzido por quatro agentes de policia civil e enterrado á porta do cemiterio, fóra do recinto destinado aos enterramentos!

Ora, francamente, não nos parece que o homem tenha cumprido mal o seu dever. Pôz-se a matutar e concluiu que para se fazer um enterro civil eram precisos policias civis, tinha-os lançado mão d'elles; naturalmente queria tambem um cemiterio civil, não havia lá na terra, por isso deixou ficar o cadaver á porta!

Não está mal de todo, só nos parece que a coisa seria mais civil se o sr. administrador ordenasse que o enterramento se fizesse no quintal da sua casa.

S. exc.<sup>a</sup> é auctoridade civil...

(Do Zê Povinho.)

\* \*

**PROCEDIMENTO INDIGNO**—No dia 30 de setembro ultimo falleceu em Aveiro o marceneiro Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado, deixando declaração expressa que o seu corpo fosse enterrado civilmente. A auctoridade administrativa apenas teve participação d'aquellas disposições do finado, tratou logo de pôr em acção os seus costumes proverbias de exercerem mesquinhas vinganças até com os pobres defuntos cuja memoria deveria ser respeitada. Ordenou que o cadaver do infeliz acompanhado de quatro cabos de policia fosse sepultado fóra do portão do cemiterio, local este que é ordinariamente occupado com o material destinado á construcção dos jazigos e onde é costume a certas horas da noite praticarem-se actos obscenos!!!

Assim pretendeu o administrador substituto de Aveiro exercer a sua vingança politica contra os republicanos a cujo partido pertencia o finado.

Se fosse o caminho com que as auctoridades do vallido rei Antonio Maria, querem enfraquecer os republicanos, enganam-se. As prepotencias e os insultos dirigidos pelas auctoridades nunca fazem enfraquecer, antes pelo contrario fortalecem e já mais quando esses insultos são feitos aos que já estão riscados entre os vivos.

Procedimentos indignos d'esta ordem não tem defesa nem merecem contemplações, mas sim o desprezo de toda a gente honrada, e nada mais.

(Do Ovarense.)

\* \*

**PROTESTO**—As auctoridades de Aveiro praticaram no dia 30 de setembro passado um acto de intolerancia feroz, mandando sepultar occultamente na estrada que conduz ao cemiterio um operario que fallecera deixando declaração expressa de que o seu cadaver fosse enterrado civilmente.

Associando-nos aos nossos presadissimos collegas da imprensa periodica, protestamos cheios da mais profunda indignação contra o infamissimo procedimento das auctoridades de Aveiro, que significa o mais revoltante attentado contra a inviolabilidade sagrada da consciencia humana.

(Do Transmontano)

## CARTAS

LISBOA 19 DE OUTUBRO.

Sei que ficou impune o infamissimo attentado praticado n'essa terra por os dois funcionarios atrevidos, que ahí dão as cartas em nome da troupe regeneradora. Era d'esperar. O Thomaz de Carnaxide, esse imbecil sem igual, esse refinadissimo hypocrita, que só tem habilidade para poeta sentimentalista e para dizer asneiras na camara, não podia tomar providencias nenhuma. Quem desce á baixesa ridicula, burlesca e torpe de festeiro d'arraiaes, perdeu todas as noções de dignidade politica e da verdadeira liberdade, e não pode portanto fazer respeitar os sacratissimos prin-

cipios do livre pensamento que ignora por inteiro.

Este hypocrita só serve para sancionar podridões revoltantes e desacatos a lei. Não se admirem de eu tratar com asperesa, porque na minha opinião é elle quem acarreta com a maior responsabilidade d'essa infamia aveirense, por não ter tomado as medidas severas que o seu dever de ministro do reino lhe impunha.

Mas deixa-lo lá. A nossa hora não estará longe, e n'esse dia vingaremos com um chicote tantos dias de miserias indignas, de caçoadas torpes, de desprezos ignobeis.

Não hão de perder com a demora, illustres figuras da monarchia.

—Aproxima-se o dia das eleições municipaes. O partido republicano vae aqui á urna com grande coragem e conta com valiosos elementos. Se não vencer não ficará tambem muito longe da victoria.

E' preciso não descançar um momento na propaganda activa em que andamos envolvidas. Agitêmos a opinião por todas as formas, aproveitêmos-nos de todas as manifestações publicas. O paiz está irritadissimo com a monarchia, porque cada vez é mais deploravel a situação publica. O reinado do calote, do esbanjamento e da pouca vergonha, continua com uma furia insana. As receitas do estado deapparecem na voragem dos desperdicios e as despesas augmentam sempre. O recurso é pedir dinheiro, mas nem mesmo d'aqui a pouco haverá quem o empreste porque Portugal já é tido por caloteiro desafortado.

No norte ha fome. Em Lisboa, esmolam centenares de pessoas por falta de trabalho. Ninguem ignora que mais de metade das nossas casas commerciaes estão á beira d'uma quebra, que será fatal ao primeiro desequilibrio patente.

Nestas circumstancias a revolução aproxima-se e o nosso dever é esperá-la a pé firme, convenientemente preparados. E' ter todos os elementos á mão e arremessa-los á rua no primeiro instante.

Minêmos com vigor a monarchia e dê-se-lhe o golpe de graça a tempo, que esta caranguejola indecente desfaz-se com um sópro.

O ex governador civil Caetano d'Albuquerque começa a ser atacado pelas jornaes regeneradores. Como não se prestou ás trapaças governamentais, vão-lhe para cima com insolencias.

Não ha corja mais indigna do que esta!

O sr. Caetano d'Albuquerque é um homem honesto e serio, que fez um governo brilhante no districto de Lisboa. Os leitores sabem já, talvez, que pediu a sua demissão por se não querer prestar a sôr galopin regenerador nas proximas eleições camaraarias.

—De dia para dia são melhores as noticias que nos chegam do estrangeiro. Em Hespanha, os republicanos de todas as fracções unem-se para a luta. A esquerda dynastica, que se malogrou aceitando o poder em circumstancias pessimas, acabam de lhes dar o triumpho.

Aproximam-se graves acontecimentos.

PORTO 20 DE OUTUBRO

Fui ver a *facca de matto*, de Raphael Zacharias da Costa, á exposiçào do Palacio de Crystal e não sei como contar-vos as agradaveis impressões que á vista de tão esplendida obra d'arte, me occorreram ao cerebro.

Aquillo é verdadeiramente maravilhoso. D'alí acima não ha perfeição possivel nos mais creditados ateliers estrangeiros.

Bastaria a *facca de matto* para honrar e encher de orgulho a ourivesaria nacional, que pode affirmar alto e bom som não haver obra que suplante aquella em perfeição, em naturalidade e na enorme paciencia que deixa advinhar em quem a executou.

N'uma amalgama curiosa e artisticamente disposta, embora alguns feiços digam o contrario, vê-se ao longo da *facca* a copia, a reprodução fiel, exactissima, de quasi todos os ani-

maes, achando-se perfeitamente acabados ainda mesmo nas partes mais insignificantes e menos visiveis. Dir-se-hia que a *facca de matto* é um museu de historia natural, em miniatura.

A gente pasma em frente d'aquella peça d'obra e chega a julgar impossivel que tal esplendor seja trabalhado por mãos humanas. Chega-se a acreditar n'uma qualquer intervençào divina para a confecção de tão soberbo monumento da Arte portugueza.

Em outro qualquer paiz, onde os *arranjos* não fossem a ordem do dia e da noite, Raphael Zacharias da Costa, o auctor d'aquello phenomenal trabalho artistico, seria dignamente recompensado pelos poderes publicos e honrado por todas as academias de Bellas-Artes. Recompensado e honrado com justiça e sem parcimonia. Aqui, deram-lhe... o habito de S. Thiago e está dito tudo! Isto é, equipararam o maravilhoso artista, com os escribas que tendo feito fortuna com o trafico da carne humana, voltam ao seu paiz repletos de dinheiro e de inepcia, de vaidade e de pustulas phisicas e moraes.

Quer dizer, Raphael Zacharias da Costa, em vez de honrado e recompensado, foi escarnecido e villipendiado.

E tudo assim vae! E querem iniciativa nas Artes! Como! se não criam incentivos? Como! se não provocam o desenvolvimento das aptidões, antes as espesinham?

A *facca de matto* é uma *epopeia metallica* destinada a attestar no presente e no futuro, o valor d'um artista portuguez, honra da sua classe, orgulho dos seus amigos e gloria da sua patria... se ella soubesse tornar-se credora d'essa gloria!

Aproveito a occasião para saudar d'aqui, das columnas d'um humilde semanario popular, o portentoso cinzelador, o grande mestre.

Hurrah! por Raphael Zacharias da Costa!

—Tem feito estes ultimos dias um tempo desabrido. Domingo e terça-feira, principalmente, foram dois dias de continua chuva, uma enorme massada pluvial, distribuida aos pobres transeuntes em porções desmetricas, amargas como... ainda mais amargas que as contribuições do sr. Fontes.

—Fr. Thomaz das Cantigas, D. Prior de Carnaxide deixou ir pela agua abaixo o governador civil de Lisboa, que se oppunha á absurda reeleição da camara dos *Cicós* e *Theophilões*, reeleição que o governo protege e que os electores de Lisboa, talvez não deixem *passar*. Seria caso para o D. Prior se zangar com a *Senhora Aparecida*!

—Aqui no Porto, a respeito de eleições, nada por enquanto de positivo. Affirma-se, porem não sei com que fundamento que só apparecerão duas listas:—a da reeleição da actual camara e outra do grupo republicano, compostas dos srs: Rodrigues de Freitas, Alves da Veiga, Alexandre Braga, Oliveira Martins é um outro cavalheiro cujo nome não recordo agora. Breve se verá se é verdade o que se diz.

—Tambem se affirma que temos domingo um comicio contra a marcha dos negocios publicos. Isto de negocios publicos, é modo de dizer, por que todos os negocios que deviam ser são particulares dos srs. ministros e seus apañiguados.

Ou não seria isto verdadilha?

Olé se é!

—Por hoje não digo mais nada; escasseia-me o tempo e está o correio a partir.

Alberto Bessa.

## Questão particular

Peço á illustrada redacção do *Lo-vo de Aveiro* a fineza de consentir que nas columnas d'esse semanario, eu dirija duas phrases a um certo typo que, por ser tolo ou mau, anda ha muito a provocar a biqueira da minha lota.

Essas phrases para cuja inserção peço licença, são as que seguem conglobadas no artigo *A um ninguem*.

Esperando obter a concessão pedida, sou como sempre muito vosso

A. Bessa.

A um ninguem

Previno por esta forma o I Grego, miseravel e lazarento histrião que no Flaviense se entretem a escoucinhar a grammatica, pretendendo com a mais refinada covardia, só propria dos poltrões da sua laia, enlamear com os putridos esterquilinos da sua bocca pestifera, caracteres dignos e activos; que não estou resolvido a tolerar-lhe por mais tempo os seus insultos, calumnias, infamias e baboseiras, encobertas por traz da barreira d'aquelle alguem e apenas declaradas por linhas travessas, á maneira dos mais ignobres e desprezíveis garotos com quem tem continua convivencia tão pião rabiscador de canalhices.

Se o pretensioso idiota tem pressa de ver a queixada partida, dirija-se-me directamente e verá como eu o faço ir ver o pae ou tirar carta de residencia no commissariado de policia.

Declare-se, não tenha medo porque apesar de ser ainda garrano deve levar-me a victoria: tem a seu favor quatro patas e eu não.

Emquanto se mostrar timorato como todos os fede-lhos, só apanhará bolos em se fazendo fino.

E intimo-o terminantemente a dizer tudo o que tiver a dizer de mim, citando o meu nome. Tome porem, cuidado, porque se disser mentiras ou infamias como costuma, aconselho-o a que traga de casa a bengala com que hade levar...

E tenha entendido o recado.

Alberto Bessa.

NOTICIARIO

Ha dias procedeu-se no cemiterio publico d'esta cidade, ao desenterramento do cadaver d'uma mulher, para ser encerrado em caixão de chumbo e trasladado para um jazigo. Esta mulher foi enterrada ha mais d'um anno e o seu cadaver achava-se em completo estado de decomposição, e por isso a exhumação era perigosa para saude publica.

Agora umas pequenas considerações a este respeito.

Quando o irmão do fallecido Jeronymo Salgado, se dirigio ao sr. governador civil d'este districto, pedindo providencias contra o attentado praticado pelo ignorante administrador substituto d'este concelho, e reclamando o desenterramento do cadaver de seu irmão, o sr. Mendes Leite respondeu: «que se estivesse em Aveiro não teria consentido no enterramento do cadaver fóra do recinto do cemiterio, e que para se proceder á exhumação ia conferenciar com o sr. delegado de saude, para ouvir a autorisada opinião de s. s.ª»

O sr. delegado de saude, depois de conferenciar com o sr. governador civil, declarou «que a exhumação não era prejudicial á saude publica, mas que a lei não a permitia». O sr. governador civil faz obra pelas palavras do delegado de saude, e o cadaver de Jeronymo Salgado, no meio d'este diz tu direi eu, lá ficou fóra do cemiterio.

Agora notem os leitores que o cadaver de Jeronymo Salgado achava-se enterrado apenas ha 14 horas, emquanto que o cadaver da mulher que foi desenterrado no dia 10 do corrente, achava-se enterrado ha mais d'um anno e em completo estado de decomposição.

Quer dizer: o desenterramento do cadaver de Jeronymo Salgado, «que não prejudicava a saude publica» não era permitido por lei; a exhumação a que se procedeu no dia 10 do corrente mez, QUE PREJUDICAVA A SAUDE PUBLICA, essa era permitida por a mesma lei!!!

Que sabios e que dentistas! Que governador civil, e que delegado de saude é esse que para ahi existem, que deixam transgredir voluntariamente, talvez, a lei que prohibe a exhumações?

Sr. Ministro do reino, as autorida-

dos de Aveiro estão governando sob um regimen verdadeiramente anarchico! Espesinham a todos os momentos as leis do paiz! Praticam toda a qualidade de desaforo! Finalmente implantaram o reinado do posso, quero e mando!

Sr. Ministro do reino, se v. ex.ª não põe termo a toda esta corrupção, nós vamos usar dos meios indicados por v. ex.ª—A tiro.

A tiro, pois sr. Thomaz Ribeiro, se v. ex.ª não demittir immediatamente as despoticas autoridades de Aveiro.

Aveiro está sendo, á ultima hora, o reducto escolhido pelo jesuitismo para assestar as suas baterias de corrupção contra a liberdade e contra as consciencias dos povos.

As autoridades de Aveiro protegem descaradamente os coios das irmãs da caridade e dos jesuitas! E como se tudo isto fosse pouco, vamos ter romarias apalhçadas promovidas pelo jesuita do padre Candido.

Assim o annunciam os jornaes do jesuitismo.

Dizem elles, os beatificos jornaes, que se deve realizar n'esta cidade no dia 28 do corrente, uma grande e imponente patuscada carola.

O reverendissimo bispo-conde, virá, segundo elles apregoam, em peregrinação e romaria a esta cidade, com tudo quanto ha demais puro e santo, para festejar e honrar Nossa Senhora do Rosario, moradora na igreja da Gloria d'esta cidade.

Pois que venha, que é mais palhçada menos palhçada.

E seja tudo em honra e gloria dos catholicos de Roma e da orgia monarchica que nos governa.

Jesuitismo e monarchia é tudo a mesma couza.

Nós cá os esperamos para nos rirmos um bocado á custa das suas carolices, e para desmacarmos essa cafila de jesuitas.

Dicidamente a camara de Sever do Vouga quer immortalisar-se na patifaria e no desrespeito á lei, que escoucêa continuamente.

Consta-nos á ultima hora que nomeara professor d'instrução primaria elemental e complementar o sr. padre Firmino pelo simples titulo de padre que não constitue capacidade legal nem para a parte elemental, preterindo o sr. Joaquim Pereira da Silva Amorim, que ao seu requerimento juntou carta de bacharel formado em direito, que representava habilitação sufficiente.

Caso unico:— na sessão de 3 do corrente o presidente apresentou á camara as contas do anno anterior (1882) e depois de dar as explicações precisas sobre cada uma das verbas convidou o seu vice a tomar a presidencia e a camara a discutil-as e a apprová-las e sahio da sala. Em seguida a camara descutiu e julgando em sua alta sabedoria boas as taes contas dignou-se conceder-lhes as honras da sua approvação depois do que convidou o seu digno presidente a voltar a ella e tomar a presidencia, o que feito por elle declarou á camara que as contas não estavam em termos de ser approvadas por certa razões que não pôde bem declarar por não haver estudado bem o recado que o primo administrador lhe dera na ausencia, e assim pedia a seus illustrissimos côlegas a graça de engulirem a approvação para a vomitarem de novo quando elle mandasse. Unico e divertido

ONDEANTES—Com este titulo apparece brevemente á luz, um volume de versos, que constitue a estreia litteraria do nosso presadissimo amigo e collaborador Alberto Bessa.

Será impresso primorosamente em edição Bijou, a duas côres, e em papel superior.

No lugar competente vae o respectivo annuncio.

O nosso estimadissimo collega, «A Folha Nova», talvez mal informado, diz n'uma noticia publicada no n.º 33, que a subscrição aberta n'esta cidade para o monumento a José Estevão é

promovida pelo «Districto de Aveiro». Pedimos licença ao nosso collega, para lhe dizer-mos que a subscrição é promovida por uma commissão de artistas d'esta cidade, e não pela redacção do «Districto de Aveiro». A verdade primeiro que tudo.

A' ultima hora

Acabamos de receber de Lisboa o seguinte telegramma: Redacção do «Povo de Aveiro»

Ministro do reino ordenou aos governadores civis que acabassem os muros nos cemiterios. Um verdadeiro triumpho. Ha crise ministerial.

ANNUNCIOS

Novidade litteraria

ONDEANTES

(primeiros versos)

ALBERTO BESSA

COM este titulo apparece brevemente á luz, um volume de versos, constituindo a estreia litteraria do auctor.

Será impresso primorosamente em BIJOU, a duas côres, e em papel superior.

PREÇOS

Por assignatura.....200 réis Avulso.....240 »

Assigna-se n'esta redacção.

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE A COMPANHIA FABRIL SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas



DE LANÇA DE RA OSCILLANTE

E' esta a revolução mais completa que tem havido nas machiças de costura; trabalho facil e perfeito.

O pespont. o mais elastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semeaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES COMPANHIA FABRIL SINGER

75, Rua de José Estevão, 79 pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

Vinho de Bucellas

No Restaurante do THEATRO AVEIRENSE, que se acha aberto todos os dias, das 3 horas da tarde até á meia-noite encontram-se á venda, alem de outras bebidas, excellentes vinhos do Porto e de Bucellas, sendo estes antigos, e pertencentes á Quinta da Romeira, propriedade que foi do fallecido sr. Marquez de Castello Melhor.

Tem tambem á venda tabacos das principaes fabricas, doce e outros artigos. Preços Commodos.

AS GUERRAS

DE

NAPOLEÃO 1.º

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

Obra Premiada Pela Academia Franceza—Um Fasciculo Semanal de 4 folhas de 8 paginas e duas gravuras 50 réis— Assigna-se no escriptorio da Empreza de Romances Illustrados rua da Fabrica, 66— Porto, e em todas as livrarias e Kiosques.

Acceptam-se correspondentes nas diversas terras do reino.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4---Largo da Apresentação---6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA CONVENTO DA ESTRELLA COIMBRA

Table with 2 columns: BOLACHA and BISCOITOS. Lists various products like D. Luiz, Franceza, Agua e Sal, etc. with prices per kilo in réis.

COMPANHIA

DAS

Messageries Maritimes



A Empreza promotora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a saturem de Lisboa:—GERONDE em 23 de outubro Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres. CONGO em 8 de novembro, directamente ao Rio de Janeiro, Montevideo e Buono Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.ªs passageiros de 2.ª. Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA 48 =RUA DE JOSÉ ESTEVAM =50